

canal6 editora

Edgar A. Poe

# William Wilson

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma  
Bianca Santos Barbosa

© Renato Massaharu Hassunuma

**Título original**

*William Wilson*

**Conselho Editorial**

BIOMÉDICA M.<sup>a</sup> MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

*Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)*

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetria pela Faculdade de São Marcos – FACSM*

**Capa e Design**

Renato Massaharu Hassunuma

**Créditos das Figuras**

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Pedrobeja. Double exposure man color [Internet]. 2017 Jun 11 [Acesso 22 jun 2024].

Disponível em: <https://pixabay.com/photos/double-exposure-man-color-2390185/>. Figura registrada como: *Free for use under the Pixabay Content License*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P743w

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849

William Wilson [livro eletrônico] / Edgar A. Poe;  
tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma, Bianca  
Santos Barbosa. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2025.  
PDF

Título original: William Wilson.  
ISBN 978-85-7917-694-4

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato  
Massaharu. II. Barbosa, Bianca Santos. III. Título.

08-2025/61

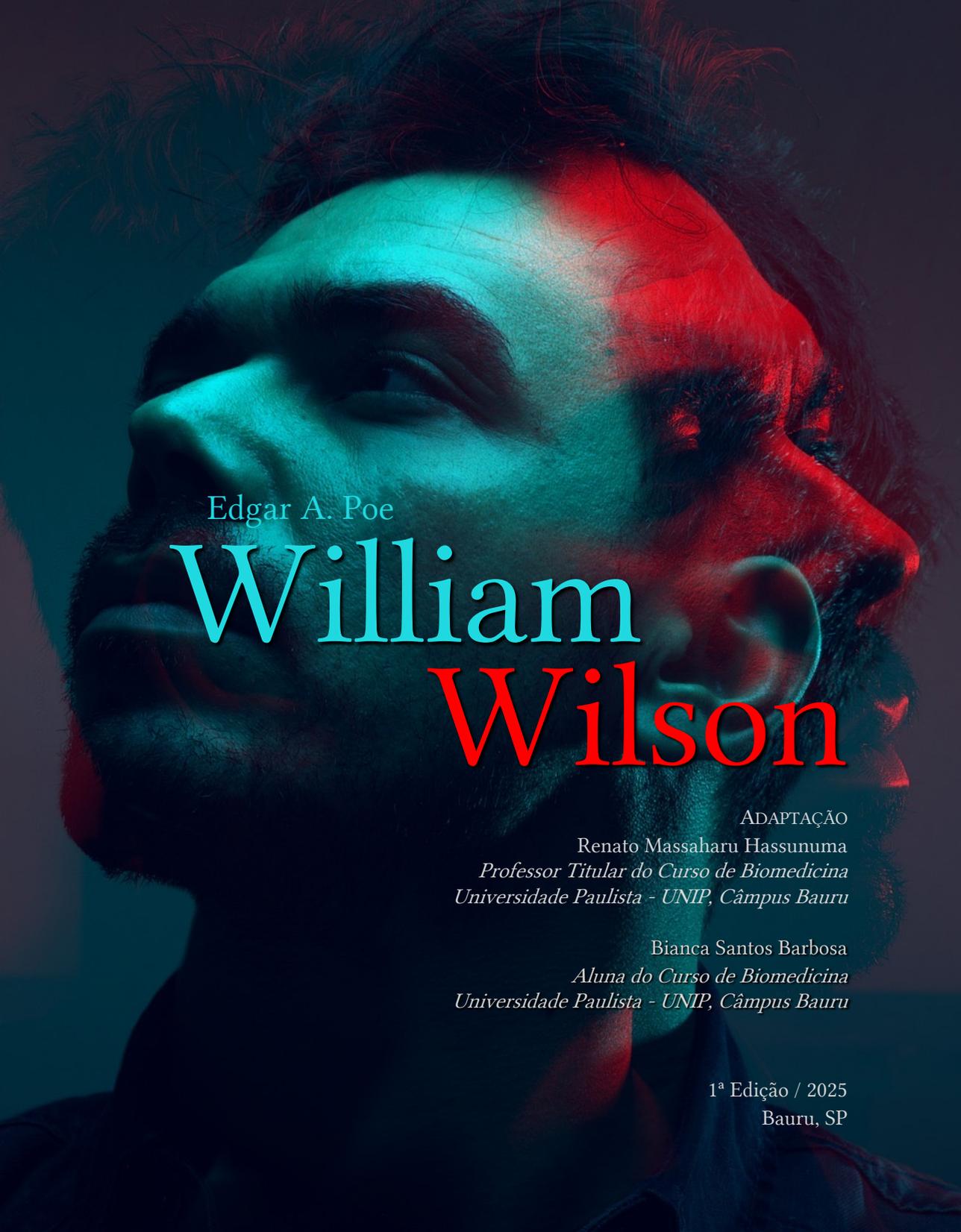
CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129



Edgar A. Poe

# William Wilson

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma  
*Professor Titular do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Bianca Santos Barbosa  
*Aluna do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025

Bauru, SP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a **Biomédica M.<sup>a</sup> Maryana Lourenço Bastos do Nascimento** e o **Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva**, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradecemos o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma  
Bianca Santos Barbosa*

## APRESENTAÇÃO

Este conto foi publicado pela primeira vez em 1839 e apresenta a história de **William Wilson**, o qual é perseguido por seu *doppelgänger*, um sócia que não possui parentesco biológico. Assim como nos demais contos do escritor Edgar A. Poe, o final da trama é marcado por um *plot twist* totalmente inesperado.

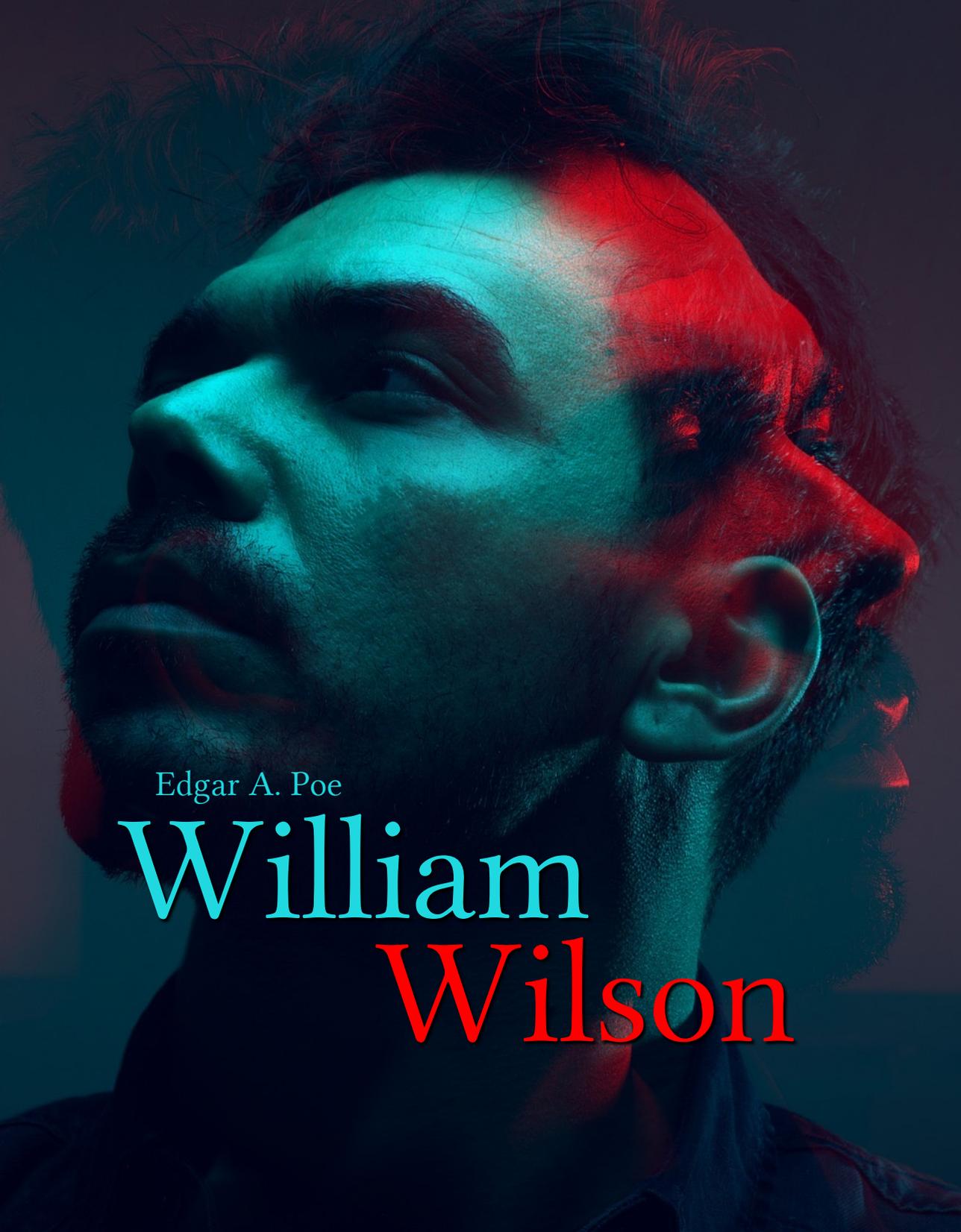
Esta tradução é parte das atividades do Projeto de Iniciação Científica intitulado “**A medicina de Edgar Allan Poe: Produzindo publicações científicas sobre duas síndromes descritas em contos do Mestre do Terror**”, desenvolvido pela aluna **Bianca Santos Barbosa** do Curso de Biomedicina da Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

É importante mencionar também que esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”.

Uma boa leitura!

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma  
Bianca Santos Barbosa*



Edgar A. Poe

William  
Wilson

Edgar A. Poe

# William Wilson

Podem me chamar de William Wilson. Não quero manchar esta página com meu verdadeiro nome. Meu nome já foi motivo para desprezo e horror. A infâmia do meu nome já se espalhou por todo mundo. Um nome abandonado e morto para sempre.

Eu não tenho como registrar todos os detalhes dos meus últimos anos de miséria indescritível e um crime imperdoável. Os homens geralmente crescem subindo degraus. Mas no meu caso, toda minha virtude caiu sobre mim como um manto cobrindo também toda minha culpa. Uma pequena maldade se tornou uma monstruosidade. Acompanhe comigo os acontecimentos que mudaram minha conduta. A sombra que precede a morte acalmou meu espírito.

Eu gostaria que acreditassem em mim. Fui, de certa forma, escravo de circunstâncias que vão além da capacidade humana. Gostaria que procurassem nos detalhes que vou fornecer, algum pequeno oásis de fatalidade em meio a um deserto de erros. Eu gostaria que entendessem que a tentação foi grande e por isso nunca sofri tanto assim. Será que eu vivi um sonho e agora morro como vítima do horror e das visões misteriosas que tive?

Sempre fui notado pela minha criatividade. Durante minha infância, provei ter herdado o caráter de minha família. À medida que cresci, me tornei mais forte, o que incomodava meus amigos e prejudicava minhas amizades. Fui um jovem egoísta, mimado e dono das minhas próprias vontades. Meus pais não conseguiam conter minhas más propensões, por mais que tentassem. Era eu quem mandava na casa, em uma idade precoce em que poucas crianças conseguem a sua independência. Maus pais deixavam que eu vivesse de acordo com a minha própria vontade, me tornando o mestre de minhas próprias ações.

Estudei em uma escola que ficava em Eton, uma vila nublada na Inglaterra. O local tinha sido uma casa de campo, adaptada para se tornar uma instituição de ensino. Ao seu redor havia um grande número de árvores gigantescas e retorcidas. O prédio ficava em uma cidade velha com aparência onírica e calma. Suas avenidas eram cobertas por sombras e o ar era uma mistura de fragrâncias de seus milhares de arbustos. Até hoje me emociono ao lembrar do som do sino que tocava a cada hora, lançando um badalar súbito e mal-humorado, que quebrava o silêncio onde a velha igreja em estilo gótica estava adormecida.

Sinto prazer em lembrar do tempo de escola. Ainda mais nesse momento em que me encontro mergulhado na miséria. Penso que serei perdoado por buscar alívio na franqueza de alguns detalhes. Detalhes ridículos, mas que mudaram meu destino.

O terreno da escola era extenso, rodeado por uma parede alta de tijolos, coberta com argamassa e protegida por cacos de vidro. Essa muralha fazia com que a escola parecesse uma prisão. Essa aparência amedrontadora também era devido ao portão pesado, cravejado de parafusos de ferro, coberto por pontas de ferro irregulares e cujas dobradiças produziam um rangido misterioso. O portão era aberto apenas três vezes por semana: uma vez a cada sábado à tarde, acompanhados de dois porteiros, e duas vezes durante o domingo para os cultos matutino e vespertino da única igreja da cidade.

O diretor da nossa escola, Dr. Bransby, também era o pastor da igreja. Olhávamos com admiração este reverendo subindo ao púlpito em passos lentos e com um semblante bondoso. Suas vestes eram claras e brilhantes, e usava peruca tão cheia que não havia como não perceber.

Na frente da escola havia um pequeno canteiro, onde foram plantados alguns arbustos, que víamos pouquíssimas vezes ao ano, como no Natal ou em dias santos no verão. No fundo da escola havia três ou quatro áreas onde ficavam campos de jogo, que eram nivelados e cobertos com cascalho fino. Lembro-me bem que não havia árvores, nem bancos.

Dentro da escola, cada sala era separada por três ou quatro degraus e possuíam várias portas laterais que davam acesso aos quartos. Durante os cinco anos que morei na escola, nunca consegui localizar com precisão a posição em que meu quarto ficava.

A sala de aula ficava no maior cômodo da casa. O local era longo, estreito e muito baixo, com janelas góticas pontiagudas e um teto de carvalho. Na frente da sala havia um púlpito do "clássico" e outro dos "ingleses e matemáticos". Havia também carteiras pretas e antigas, espalhadas por toda a sala de forma irregular; além de livros enfeitados, com os títulos em letras garrafais e ilustrações grotescas.

Em uma extremidade da sala havia um enorme balde com água e do outro um relógio de dimensões exageradas. Eu costumava caminhar pelos corredores bastante entusiasmado. Lembro que aprendi muito naquele período, sendo isso um fato muito importante, pois em geral, os eventos que ocorrem durante a juventude, raramente deixam uma impressão permanente na idade adulta.

Na adolescência, tudo é uma sombra cinzenta, uma lembrança fraca, um encontro de prazeres pequenos e dores fantasmagóricas. Mas comigo não foi assim. Minha infância foi marcada por momentos tão vívidos e profundos quanto o possível. Entretanto, não há muito o que lembrar. O despertar da manhã, a convocação noturna para dormir, as meias-férias periódicas, as caminhadas, o campo de jogo, os passatempos, as intrigas, tudo foi um mundo de acontecimentos e emoções que marcaram meu espírito apaixonado.

Meu entusiasmo e liderança, aos poucos, foram me tornando popular entre meus colegas de escola, exceto por um outro aluno estudioso, que, embora não fosse meu parente, tinha o mesmo nome e sobrenome que eu: **William Wilson**.

Ele competia comigo em busca das melhores notas e melhor desempenho nos esportes. A competição com Wilson me constrangia. Secretamente eu o temia, pois sabia que sua superioridade sobre mim iria me custar uma luta perpétua.

Interessantemente, nenhum de meus colegas suspeitavam que havia esta competição velada entre nós. Pareciam não enxergar o que acontecia. Por outro lado, ele não costumava demonstrar sua ambição em me superar. Sua rivalidade poderia ser apenas um capricho para me surpreender; embora houvesse momentos em que eu não podia deixar de observar seu comportamento singular. O comportamento de Wilson, nossos nomes em comum e o fato de termos entrado na escola no mesmo dia fez todos a pensarem que éramos irmãos.

Como já disse anteriormente, nós não tínhamos nenhum parentesco. Se tivéssemos, seríamos irmãos gêmeos, pois, meu homônimo também nasceu no dia do meu aniversário: dezanove de janeiro de 1811, uma coincidência um tanto notável.

Apesar da ansiedade causada pela minha rivalidade com Wilson, eu não conseguia odiá-lo completamente. Cada vez que brigávamos, era óbvio para mim que sua vitória tinha sido por mérito. De certa forma, tinha simpatia pelo seu temperamento, embora não fôssemos amigos. É meio complicado descrever os meus sentimentos em relação a ele. É uma mistura de estima, respeito, medo, curiosidade, mas não de ódio. Naquela época, nossa rivalidade nos unia e tornamos companheiros inseparáveis.

Essa relação estranha entre nós era apenas feita de brincadeiras e piadas, nada de qualquer hostilidade séria. Mas tentando derrotá-lo, Wilson apresentava uma austeridade desprezível e silenciosa, que o impedia de ser ridicularizado. Ele possuía um apenas um ponto fraco: sua voz que era sempre baixa e sussurrada. E é claro que esse foi o calcanhar de Aquiles que escolhi para exibir meu poder.

Mas Wilson também era sagaz e é claro que também soube explorar muitos dos meus pontos mais frágeis, o que me aborrecia demasiadamente. Suas palavras eram veneno para meus ouvidos e aos poucos fui criando uma aversão a ele.

Sentia raiva por ele compartilhar o mesmo nome que eu, principalmente quando nossos trabalhos escolares eram confundidos. Aos poucos criaram-se sentimentos de vexame que foram se tornando cada vez mais forte a cada circunstância que mostrava nossa semelhança, moral ou física. Éramos da mesma idade, mesma altura e muito parecidos. Qualquer alusão à semelhança entre nós me deixava irritado. Não que houvesse qualquer comentário maldoso na escola sobre nossa semelhança.

Era apenas a perspicácia dele em me aborrecer que me deixava incomodado. E para piorar, ele parecia fazer questão de aperfeiçoar sua imitação de mim mesmo, tanto nas palavras quanto nos atos. Era admirável como conseguia me copiar. Reproduzia tudo que era meu: minhas roupas, meu caminhar, meu jeito e minha voz.

Eu considerava todo esse comportamento caricato de mim como um ato de assédio por parte dele. A única coisa que me consolava, era o fato de que sua imitação era notada apenas por mim mesmo. Mas eu ainda tinha que suportar seus sorrisos sarcásticos. Ele parecia ter percebido que conseguia realmente me irritar, rindo em segredo de cada investida contra mim.

Mas o fato de ninguém na escola perceber seu escárnio por mim, foi um enigma que durou meses e nunca consegui resolver. Talvez suas imitações não fossem tão óbvias para meus colegas. Enquanto isso, minha repugnância por ele só aumentava.

Ele também me irritava com seus conselhos que sussurrava em meus ouvidos. Entretanto, posso dizer que hoje, eu poderia ter sido uma pessoa melhor se eu o tivesse rejeitado com menos frequência e se tivesse refletido melhor sobre o significado daqueles conselhos que eu odiava e desprezava amargamente.

A cada dia que passava, eu me ressentia cada vez por sua arrogância. Logo que nos conhecemos, talvez pudéssemos ter sido amigos. Mas nos últimos meses de minha residência na escola, tudo que eu sentia por ele era ódio. Em uma ocasião ele me ouviu comentando isso, e depois passou a fazer questão de me evitar.

Foi mais ou menos neste mesmo período, que percebi em seu comportamento algo que me trouxe à mente algumas memórias sombrias da minha infância. Tive a impressão que eu e Wilson já nos conhecíamos em algum momento da minha vida, em algum ponto do passado, mesmo que infinitamente remoto.

Aquela sensação, no entanto, desapareceu tão rápido quanto chegou. Na escola havia vários quartos enormes onde dormia um grande número de alunos. Havia também outros quartos menores, os quais foram transformados pelo Dr. Bransby, por motivos econômicos em dormitórios que possuíam armários mais simples, capazes de acomodar apenas um único indivíduo. Um desses pequenos apartamentos foi ocupado por Wilson.

Em certa noite sombria e tempestuosa no início do outono, por volta do final do meu quinto ano na escola, levantei-me da cama. Caminhei até o quarto do meu rival com uma lâmpada na mão, andando por passagens estreitas do prédio. Havia tempo que eu tramava uma daquelas brincadeiras de mal gosto com ele.

Ao chegar em seu quarto, entrei sem barulho, deixando a lâmpada do lado de fora. Avancei um passo e ouvi o som de sua respiração tranquila. Estava certo que ele estava dormindo. Voltei, peguei a lâmpada e me aproximei novamente da cama. Retirei-me lenta e silenciosamente, quando alguns raios brilhantes caíram vividamente sobre ele.

No mesmo momento, meus olhos seguiram para seu rosto. Senti um aperto em meu peito. Meus joelhos cambalearam. Todo o meu espírito ficou possuído por uma sensação de horror. Ofegante, abaixei a lâmpada para ver mais perto sua aparência. Tremi porque não era assim que ele normalmente aparecia. Seguramente não tão parecido comigo assim. Ele tinha o mesmo nome que o meu, o mesmo contorno do rosto e o mesmo dia de chegada à escola. Imitava meu caminhar, minha voz, meus hábitos e meu jeito!

Atordoado e arrepiado, apaguei a lâmpada e saí daquele quarto, para nunca mais voltar. Depois daquele incidente, fugi por um tempo para minha casa. Foi um breve intervalo, mas suficiente para enfraquecer minhas lembranças na escola.

Longe da escola não havia mais drama. Passei a duvidar do que havia visto e agora, raramente me lembrava do assunto. Interessantemente, Wilson também teve um súbito acidente em sua família, levando ao seu afastamento da escola do Dr. Bransby, na mesma tarde do dia em que eu mesmo havia fugido.

Tempos depois, de volta à escola, convidei um pequeno grupo de amigos para uma confraternização às escondidas no meu quarto. Já era tarde da noite, nossa conversa se prolongou até de manhã. O vinho era servido livremente e digamos que não faltavam outros tipos de seduções mais perigosas. O amanhecer cinzento já havia aparecido fracamente no Leste, enquanto nossas extravagâncias estavam em seu auge.

Estávamos todos cobertos de loucura, cartas e embriaguez. Eu fazia um brinde usando apenas palavrões, quando minha atenção foi subitamente desviada para a abertura da porta do dormitório e para voz ansiosa de um dos convidados. Ele me disse que alguém, aparentemente com muita pressa, gostaria de falar comigo no corredor.

Extremamente animado pelo vinho, a interrupção inesperada foi mais encantadora do que uma surpresa. Segui cambaleando para fora do apartamento. Lá não havia lâmpada alguma. Havia apenas o clarão de um amanhecer extremamente fraco, que atravessava uma janela semicircular. Observei um jovem da minha altura com uma blusa branca semelhante àquela que eu mesmo usava no momento. A luz fraca não me permitiu perceber as feições de seu rosto.

De repente, ele se aproximou e me agarrou pelo braço, sussurrando impacientemente as palavras "William Wilson!" em meu ouvido. Fiquei sóbrio no mesmo instante. Eu me assustei com o tremor de seus dedos. Mas não foi isso o que mais me perturbou.

Foi a sua voz baixa e sibilante que atingiu o fundo da minha alma. Quando eu recuperei meus sentidos, ele já havido ido embora. Durante algumas semanas, investiguei seriamente a verdadeira identidade de Wilson. Quem era ele? De onde ele veio? O que ele queria? Mas não obtive sucesso algum.

Depois, por um breve período, deixei de pensar sobre o assunto. Voltei toda minha atenção para minha partida para a Universidade em Oxford. Ganhei roupas novas de meus pais e dinheiro para gastar com os herdeiros mais importantes dos condados mais ricos da Grã-Bretanha. Foi um período de muitas extravagâncias, gastos e loucuras.

Eu já estava há dois anos vivendo dessa maneira, quando chegou à universidade um jovem nobre, muito rico, mas de intelecto fraco, chamado Glendinning. Decidi ficar amigo dele, convidando-o para algumas partidas de jogos e o deixando ganhar, no intuito de fortalecer nosso vínculo.

Certo dia, convidei-o para uma reunião com uns oito ou dez amigos no quarto do Sr. Preston, um colega em comum. Ao iniciarmos uma partida de baralho, tive o cuidado de distribuir as cartas de forma que parecessem serem entregues ao acaso. Aqueles jogos seguiram até tarde da noite, quanto eu consegui que Glendinning se tornasse meu único adversário. O restante das pessoas já havia desistido do jogo e estava ao nosso redor como espectadores.

Glendinning já bêbado, como eu havia planejado, e agora eu embaralhava as cartas com um certo nervosismo. Após um breve período, ele passou a me dever uma grande quantia. Então, como eu imaginava, ele decidiu dobrar a aposta. Eu fingi relutância e recusei a oferta várias vezes, até que finalmente aceitei. O resultado, é claro, só provou a minha habilidade com as cartas. E em menos de uma hora, ele quadruplicou a dívida. Seu semblante foi perdendo o tom florido emprestado pelo vinho.

Naquele momento, para meu espanto, percebi que ele estava pálido. Glendinning era imensamente rico e as quantias que ele havia perdido não deveriam, suponho, incomodá-lo seriamente. Ele foi vencido pelo vinho e eu estava prestes a encerrar o jogo, ao observar o total desespero de Glendinning.

Pela situação daquele momento, entendi que ele estaria arruinado. As pessoas com piedade dele, passaram a protegê-lo. Por alguns momentos, houve um silêncio profundo e ininterrupto, durante o qual não pude deixar de sentir os olhares ardentes de desprezo ou reprovação lançados sobre mim pelos outros colegas que já haviam abandonado o jogo.

Foi quando então que as portas largas e pesadas do apartamento se abriram com uma violência que apagou todas as velas da sala como num passe de mágica. A luz fraca das velas que se apagavam permitiu-nos perceber que um estranho havia entrado no local. Alguém da mesma altura que eu e coberto por um manto.

A escuridão, naquele momento, era total. Mas podíamos perceber a presença daquele invasor entre nós. Antes que qualquer um de nós pudesse se recuperar do extremo terror, ouvimos a voz do intruso, que disse sussurrando:

— Senhores, não peço desculpas pelo meu comportamento, uma vez que estou aqui apenas cumprindo meu dever. Vocês, sem dúvida, não conhecem o verdadeiro caráter da pessoa que ganhou no jogo desta noite uma grande soma de dinheiro de Lord Glendinning. Assim, vou desmascarar o plano do criminoso. Por favor, examinem, o forro interno do punho da manga esquerda dele. Vocês encontrarão vários pacotes pequenos de cartas os quais permitiram que este patife vencesse todas as partidas desta noite!

Enquanto ele falava, houve um silêncio em que era possível ouvir um alfinete cair no chão.

Quando terminou de falar, ele partiu tão rápido quando chegou. Não sei como descrever minhas sensações. Mas senti todos os horrores daqueles que já foram desmascarados. Não tive tempo para pensar. Muitas mãos me agarraram e as luzes foram imediatamente acesas. Seguiu-se uma busca que revelou o meu plano. Encontraram vários conjuntos de cartas que eu havia preparado minuciosamente. Aquela descoberta vergonhosa foi recebida com um desprezo silencioso. Depois de um breve momento, o Sr. Preston, nosso anfitrião disse exibindo um sorriso amargo:

— Sr. Wilson, estas cartas são suas. Eis a prova de sua habilidade. Acho que já tivemos o suficiente. Talvez devesse deixar Oxford, assim como os meus aposentos, imediatamente!

Saí do local me sentindo humilhado. Mas intrigado por um fato surpreendente. Aquela pessoa misteriosa que adentrou o local trajava um manto de pele muito raro e extravagantemente caro. Foi com um espanto, quase beirando o terror, que percebi que ele usava um manto exatamente igual ao meu. Vale mencionar que nenhuma outra pessoa, além de mim, usava um manto quando chegou ao local.

Na manhã seguinte, ao amanhecer do dia, saí de Oxford e fui para o continente, numa fuga de perfeita agonia e vergonha. Mas esta fuga foi em vão. Meu destino maligno me perseguiu, exercendo seu misterioso domínio que estava ainda apenas começando.

Mal pisei em Paris e já tive novas provas da presença de Wilson. Os anos se passaram voando, mas ele não dava uma trégua. Que vilão! Me seguiu até Roma, Viena, Berlim e Moscou! Eu tentava fugir cada vez mais longe em pânico, como se fugisse de uma peste. Mas sempre em vão.

Eu continuava a me fazer as mesmas perguntas: Quem era ele? De onde ele veio? O que ele queria? Mas nunca encontrava resposta alguma.

Voltei a investigá-lo, percebendo que ele havia cruzado meu caminho sempre para frustrar meus esquemas ou para perturbar minhas ações, que geralmente eram brincadeiras de mal gosto. Mas esta era uma justificativa era muito pobre para tamanha perseguição.

Percebi também que meu inimigo, por um longo período de tempo, manteve o mesmo vestuário que o meu. Não conseguia mais ver o seu rosto, mas eu sabia que era ele. Depois da repreensão na Escola em Eton, da destruição de minha honra na Universidade em Oxford, da frustração em Roma, da minha vingança em Paris, do meu amor apaixonado em Nápoles, ou do que ele chamou de avareza em Egito, eu seria capaz de reconhecer meu temido rival dos tempos do Dr. Bransby? Parecia impossível! Mas deixe-me me contar a última cena deste emocionante drama.

Até aquele momento, eu havia sucumbido ao seu domínio. A aparente onipresença e onipotência de Wilson, somados a um sentimento de terror, me deixaram em desamparo total. Ultimamente, eu me entregara por completo ao vinho.

A sua presença constante em minha vida começou a me enlouquecer. Comecei a murmurar sozinho. Mas interessantemente, à medida que eu definhava, ele também perdia sua força. Seja como for, comecei agora a sentir uma certa esperança de que eu poderia não ser mais escravizado pela sua presença.

Durante um Carnaval no palácio do duque napolitano Di Broglio em Roma, eu me entreguei aos excessos do vinho. A atmosfera sufocante das salas lotadas começou a me cansar. Resolvi sair do local, forçando o meu caminho pelos labirintos daquele lugar, o que me irritava ainda mais. Em certo momento, senti uma mão leve pousando sobre meu ombro, e aquele sussurro, preso em minha memória, chegou aos meus ouvidos. Em um momento de ira, agarrei aquela pessoa violentamente pelo colarinho.

Ele estava vestido, como eu esperava, como eu: um grande manto espanhol e uma máscara de seda preta que cobria inteiramente suas feições. Então eu disse com muita raiva:

— Impostor! Vilão maldito! Não irá me perseguir até a morte! Venha comigo ou eu te esfaqueio onde você está!

Abri caminho entre a multidão para uma sala adjacente e o arrastei comigo. Ao entrar no local, empurrei-o furiosamente. Ele cambaleou contra a parede, enquanto eu fechava a porta. Senti a força descomunal em meu braço, empurrei-o com força contra a parede e mergulhei minha espada repetidamente em seu peito.

Naquele instante, alguma pessoa tentou abrir a porta. Apressei-me para evitar sua entrada e em seguida, olhei meu inimigo caído. Não sei que palavras usar para retratar o espanto do horror daquele espetáculo.

No canto mais distante daquela sala havia um grande espelho, ao menos era o que parecia ser em minha confusão mental, vi a minha própria imagem, pálida e ensanguentada, cambaleando em minha direção. Era meu inimigo, Wilson, que estava diante de mim agonizando. Ele falou comigo, mas sem sussurrar:

— Você venceu, e eu aceito sua vitória. No entanto, também está morto. Morto para o mundo e suas esperanças. Em mim, você existiu. A minha morte que você vê nesta imagem também é sua. Por completo, você se matou!



Este conto foi publicado pela primeira vez em 1839 e apresenta a história de **William Wilson**, o qual é perseguido por seu *doppelgänger*, um sócia que não possui parentesco biológico. Assim como nos demais contos do escritor Edgar A. Poe, o final da trama é marcado por um *plot twist* totalmente inesperado.